

**Cecília humanista: de cabeça de motim à arte de ser feliz**

*Cecília Humanist: From Riot Head to the Art of Being Happy*

Autoria: Denilson de Cássio Silva

 <https://orcid.org/0000-0002-6596-7023>

 Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0134378707848529>>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.195100>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/195100>

Recebido em: 19/02/2022. Aprovado em: 29/05/2022.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**

São Paulo, Ano 11, n. 20, jan.-jul., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Contato: [opiniaes@usp.br](mailto:opiniaes@usp.br)

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

---

**Como citar (ABNT)**

SILVA, Denilson de Cássio. Cecília humanista: de cabeça de motim à arte de ser feliz.

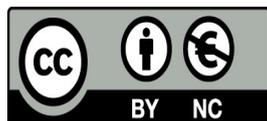
*Opiniões*, São Paulo, n. 20, pp. 38-59, 2022. DOI: [https://doi.org/10.11606/issn.2525-](https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.195100)

8133.opiniaes.2022.195100. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/195100>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

---

# cecília humanista: de cabeça de motim à arte de ser feliz

Cecília Humanist: From Riot Head to the Art of Being Happy

**Denilson de Cássio Silva<sup>1</sup>**

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.195100>

---

<sup>1</sup> Doutor em História e Culturas Políticas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor de História. Autor de *O drama social da abolição* (Ed. Prismas, 2016), *Perguntas da História* (poemas) (Ed. Labrador, 2018) e da tese *Cecília Meireles e o humanismo cívico: palavras e práticas de um ideário político* (Brasil Sudeste, 1915-1964). E-mail: denicult@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6596-7023>. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0134378707848529>>.

### **Resumo**

O artigo analisa as ideias políticas de Cecília Meireles, por meio da noção de um humanismo de caráter cívico-republicano. O objetivo é compreender como, ao longo de sua trajetória, a intelectual carioca sentiu e pensou sobre o *Sapiens* e como tal postura relacionou-se com o fenômeno mais amplo do político. O texto parte do pressuposto que Cecília viveu em uma sociedade assimétrica, na qual o fato de ser mulher, em meios intelectuais, predominantemente, masculinos, exigiu dela especial empenho em se fazer escutar. É aventada a hipótese de que Cecília procurou entender a condição humana como um processo assinalado por vícios e virtudes, com estas se conectando a valores como a participação na luta por soluções para os problemas da Cidade, a resistência à tirania, a priorização do bem comum sobre interesses individualistas, a conquista da glória pelo talento, posto a serviço da comunidade, a crítica ao facciosismo e à ganância. O texto é embasado por um conjunto de fontes constituído por livros, jornais e cartas. A metodologia adotada é de base qualitativa, com escolha e processamento de dados, articulados por uma escrita de cunho ensaístico, atentando-se para práticas, vistas como portadoras de ideias, e para ideias, concebidas como atos.

### **Palavras-chave**

Cecília Meireles. Humanismo. Política.

### **Abstract**

The article analyzes Cecília Meireles political ideas, through the notion of civic-republican humanism. The objective is to understand how, throughout her career, the Carioca intellectual felt and thought about *Sapiens* and how this attitude was related to the broader phenomenon of politics. The text assumes that Cecília lived in an asymmetrical society, in which the fact of being a woman, in predominantly male intellectual environments, demanded a special effort from her to make herself heard. It is hypothesized that Cecília sought to understand the human condition as a process marked by vices and virtues, with these being connected to values such as participation in the struggle for solutions to the City problems, resistance to tyranny, prioritization of the common good on individualistic interests, the conquest of glory by talent, put at the community service, the factionalism and greed criticism. The text is based on a set of sources consisting of books, newspapers, and letters. The methodology adopted is qualitative, with choice and data processing, articulated by an essayistic writing, paying attention to practices, seen as carriers of ideas, and to ideas, conceived as acts.

### **Keywords**

Cecília Meireles. Humanism. Politics.

## humanista

Outro é o sentido, e outra a coragem, no chamamento, tão rico, à virtude humana, à virtude que vence o destino e constrói seu mundo, que dá às coisas um rosto novo, com essa arte humana que conjuga ciência e poesia.

*Eugênio Garin<sup>2</sup>*

Em diferentes momentos de sua trajetória, Cecília Meireles (1901-1964) manifestou apreço pela espécie humana. Em sua última entrevista para a grande imprensa, ponderou sobre o que parecia ser a força motriz de suas ideias e ações: “Tenho um vício terrível. Meu vício é gostar de gente. Você acha que isso tem cura? Tenho tal amor pela criatura humana, em profundidade, que deve ser doença” (MEIRELES, 1964, p. 31). A entrevistada apostava que tal modo de conceber a si e aos outros tratava-se de uma virtude, cujo longo e persistente cultivo ecoava ares de uma dependência, de um “vício” do qual não se dispunha a abdicar. Esse acordo racional e emocional, essa busca por pensar e sentir sobre os negócios humanos, de entender o processo de fazer-se gente e nele atuar para elevar as potencialidades de pessoas e sociedades, transbordaram nas criações da intelectual, trazendo consigo um ineludível teor político.

A arte não seria mera “distração ou um exercício para emagrecer o cérebro...” (MEIRELES, 1950, p. 1) nem uma “diversão frívola” (MEIRELES, 1946, p. 11), mas uma via de autoconhecimento e de modificação do real. A literatura, dentre outros aspectos, se apresentaria como “um meio de compreensão humana e do mundo” (MEIRELES, 1946, p. 11). Além de outras qualidades, a poesia possuiria a de “tornar as criaturas compreensíveis umas às outras, na sua íntima verdade, que é a verdade do espírito” (MEIRELES, 1962a, p. 7). A educação moderna, extrapolando sua função instrucional, far-se-ia formativa, antessala de cidadãs e cidadãos ativos, cômicos de direitos e deveres, fundamentais ao convívio: “não se trata de alfabetizar, mas de humanizar as criaturas”, trazendo-as à sua “condição humana para, então, as integrar na vida social” (MEIRELES, 1931, p. 75). De modo semelhante, ao pesquisar sobre folclore, Cecília ansiava “buscar caminhos para que os homens se entendam” (MEIRELES, 1950, p. 86) e, ao se voltar para a Índia, advogava pela “necessidade de um conhecimento mais profundo entre Ocidente e Oriente” (MEIRELES, 1961, p. 3). Em mesmo diapasão, o ato de viajar destoaria da imagem do turismo, dado ao exótico, e se voltaria para o anseio de “alongamento de horizonte humano” (MEIRELES, 1964, p. 33). A aprendizagem de idiomas, mais do que para dominar línguas, confluía para “melhor penetrar a alma dos povos” (idem, p. 34). Seus experimentos com a produção de peças teatrais ver-se-iam relacionados a um esforço “de raciocinar, de debater ideias”, “de ver mais longe, de ver mais belamente, mais altamente as coisas, as criaturas” (MEIRELES, 1946, p. 11). O fascínio de Cecília por palavras antigas abandonadas ligava-se, tal qual, ao ingrediente humano, ao fato de haver “pertencido a tanta gente que a [s] viveu e sofreu!” (MEIRELES, 1964, p. 33).

---

<sup>2</sup> GARIN, Eugênio. *Idade Média e Renascimento*. [1954]. Tradução de Isabel Teresa Santos e Hossein S. Shooja. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 85.

A concepção antropocêntrica de Meireles, cruzando sujeito e referencial, contemplação e ação, espraiando-se em espaços públicos, fez-se, contudo, descentrada. Seu humanismo abarcou também os mortos e os reinos animal, vegetal e mineral, bem como o cultivo de certo ceticismo em relação ao monopólio da verdade pela prerrogativa humana.

Desde seu livro de estreia, *Espectros*, de 1919, a presença de um passado que não passa (SILVA, 2020) esteve presente:

Nas noites tempestuosas, sobretudo  
Quando lá fora o vendaval estronda  
E do pélagos iroso à voz hedionda  
Os céus respondem e estremece tudo,

Do alfarrábio, que esta alma ávida sonda,  
Erguendo o olhar, exausto a tanto estudo,  
Vejo ante mim, pelo aposento mudo,  
Passarem lentos, em morosa ronda,

Da lâmpada à inconstante claridade  
(Que ao vento ora esmorece ora se aviva,  
Em largas sombras e esplendor de sóis),

Silenciosos fantasmas de outra idade,  
À sugestão da noite rediviva  
– Deuses, demônios, monstros, reis e heróis.  
(MEIRELES, 1919, p. 15)

Nas décadas seguintes, fantasmas e heróis continuaram a habitar as ideias e intervenções de Cecília. Entretanto, em vez de divisar soberanos, guerreiros e nomes ilustres, a intelectual concentrará atenção em anônimos e, quando famosos, em geral, derrotados em seus intentos políticos. Os “reis coroados de ouro” e “os heróis coroados de louro” continuariam a passar pelos caminhos da história, contudo, importância maior teriam os que vieram depois, “os santos e os bardos”, “cobertos de espinhos”, “cingidos de cardos” (1939, p. 323), isto é, os que aceitaram pagar o preço pelo combate em favor do bem comum e da beleza. Segura de que “[...] Muito mais teu Pai e tua Mãe são os que te fizeram / em espírito”, de que “esses foram sem número. / Sem nome. / De todos os tempos” e de que esses “deixaram o rastro pelos caminhos de hoje. / Todos os que já viveram. E andam fazendo-te dia a dia” (1927, p. 65), Meireles reconhecia-se inúmera, tributária daqueles que, incontáveis, labutaram por um mundo de justiça, fraternidade, igualdade, liberdade, paz:

Vivo por homens e mulheres  
de outras idades, de outros lugares, com outras falas.  
Por infantes e por velhinhos trêmulos.  
Gente do mar e da terra,  
Suada, salgada, hirsuta.

Gente da névoa, apenas murmurada. [...]

Esta sou eu – a inúmera.  
Que tem de ser pagã como as árvores  
e, como um druida, mística. [...]

Conduzo meu povo  
e a ele me entrego.  
E assim nos correspondemos.

Faro do planeta e do firmamento,  
bússola enamorada da eternidade,  
um sentimento lancinante de horizontes,  
um poder de abraçar, de envolver  
as coisas sofredoras,  
e levá-las nos ombros, como os anhos e as cruzes. [...]  
(MEIRELES, 1945, pp. 462-463)

E reiterou essa sua disposição em carregar consigo os que transbordavam a sociedade: “Vou com sonâmbulos e corsários, / poetas, astrólogos, e a torrente – dos mendigos perdulários” (MEIRELES, 1949, p. 652). Gente trabalhadora e sonhadora, explorada e marginalizada, tipos que seguiam na contramão do *status quo*, com Cecília, também pleiteavam sair do esquecimento de narrativas tradicionais e tomar parte na memória e na história. Não só a dimensão de excepcionalidade integraria as páginas de uma comunidade de sentido, não apenas atos singulares deveriam ser fitados, como também recortes do cotidiano, atitudes corriqueiras, capazes, igualmente, de assinalar valores e fornecer sustento para a configuração de um povo e para os rumos do país.

Os reais heróis seriam aqueles capazes de se dedicarem a causas, relativas ao bem-estar geral, sobressalentes ao interesse egoísta. Sacrificar a própria vida, se preciso for, em favor de dados princípios, constituiria critério ou prova maior de heroísmo. A recusa em enfrentar as consequências de tal escolha e a sede de riqueza e de mando se converteriam no avesso de ações e ideias, com as quais a autora se identificava:

Ambição gera injustiça.  
Injustiça, covardia.  
Dos heróis martirizados  
nunca se esquece a agonia.  
Por horror ao sofrimento,  
ao valor se renuncia.  
(MEIRELES, 1953, p. 164)

Ainda que superados pelo poder de ocasião, projetos de um mundo transfigurado por liberdade, igualdade e fraternidade continuariam a ser recordados, fazendo-se, nesse movimento, subversivamente, vencedores:

Que tempos medonhos chegam,  
depois de tão dura prova?  
Quem vai saber, no futuro,  
o que se aprova ou reprova?  
De que alma é que vai ser feita  
essa humanidade nova?  
(MEIRELES, 1953, p. 164)

Do ponto de vista da autora, passado, presente e futuro dialogavam entre si, desprendidos de quaisquer apriorismos. Cecília não se entregou a uma visão fatalista nem à sedução do triunfalismo. No seu entender a história estava aberta a múltiplas possibilidades e os seres humanos, sujeitos ao peso da responsabilidade de seus próprios atos. Ao se deparar com uma realidade, que relutava em instaurar um padrão de convivência digno, os que se batiam por outro paradigma ético-político e social achavam-se às voltas com perigos e tristezas:

O gosto da vida equórea  
é o da lágrima na boca:  
porém a profundidade  
é o pranto da vida toda!  
Justa armadura salgada,  
pungente e dura redoma  
que não livra dos perigos,  
mas reúne na mesma onda  
os monstros no seu império  
e o amargo herói que os defronta.  
(MEIRELES, 1960, p. 1211)

Cecília buscou em outros elementos a humanidade, vilipendiada pelo próprio humano. A humanização da fauna, da flora e do minério daria vazão a um apelo para que as pessoas despertassem da indiferença, da ganância e do ódio e atentassem para outros modos de coexistir:

Senhor da Vida, leva-me para longe!  
Quero retroceder aos aléns de mim mesma!  
Converter-me em animal tranquilo,  
em planta incomunicável,  
em pedra sem respiração.  
(MEIRELES, 1945, p. 546)

Enfastiada em face da constatação de intrigas e artificialidades de convenções sociais, que, a seu ver, rosseaunianamente, obliteravam a autenticidade do fazer-se humano, discorreu:

Hoje eu queria ler uns livros que não falam de gente, mas só de bichos, de plantas, de pedras: um livro que me levasse por essas solidões da Natureza, sem vozes humanas, sem discursos, boatos,

mentiras, calúnias, falsidades, elogios, celebrações...  
(MEIRELES, 1962b, pp. 118-119)

A despeito deste cansaço, deste sofrer ao se confrontar com um país e um mundo, reincidentes em erros, que degradavam a vida, Cecília cuidou para não cair em terminante pessimismo. Procurou acatar a complexidade da condição humana, cultivando uma postura eivada de amorosidade e de ceticismo. Evitou juízos peremptórios, tanto sobre a bondade, quanto sobre a maldade do *Sapiens*, e, assim, distanciou-se tanto de um idealismo ingênuo, quanto de um realismo conformista. Reverberando o Orlando, de Virgínia Woolf – que traduzira, em 1948 – concebeu a vida humana como fenômeno plural, entrecortado por continuidades, transformações e rupturas, qual um baralho de cartas. Haveria muitas vidas em uma só e em estado de mutação: “Somos uma difícil unidade / de muitos instantes mínimos [...] / Mil fragmentos somos / em jogo misterioso [...] / Novos e antigos todos os dias. / transparentes e opacos, segundo o giro da luz [...]” (MEIRELES, 1957, p. 1785). Por isso, as tentativas de enquadrar os seres humanos, atribuindo-lhes um julgamento definitivo, seriam inadequadas à compreensão dos mesmos. Nem condenar nem absolver, mas observar, compreender e agir de forma crítica e afetuosa.

Por esse ângulo, torna-se mais inteligível o fato de Cecília não haver se filiado a nenhum partido político, a nenhuma igreja, a nenhuma organização artística ou social doutrinária – e, ao mesmo tempo, ter se feito ativista pelos direitos humanos, pela educação nova, pública, gratuita e democrática, pela paz intra e interestatal, pela liberdade de pensamento, de expressão e de associação, pela igualdade fundamental entre todas as pessoas. Repudiou o individualismo, que, a seu ver, destruía os laços sociais básicos para a boa convivência, e o coletivismo, ameaçador das garantias individuais. Exerceu o espírito crítico, avaliando, ademais, as próprias convicções para aperfeiçoá-las e não as tornar em dogmas. Procurou conhecer suas qualidades e suas limitações. Paralelamente, suas atitudes e seus arrazoados, seu persistente esforço, ao longo de décadas, em se fazer presente no espaço público, em defesa de um programa político-pedagógico de base humanística, definiu-a como intelectual engajada.<sup>3</sup>

Seu humanismo, dotado de um saber enciclopédico, erudito, com profundo domínio dos pilares da educação moderna e da arte literária, denotou acento cívico, urdindo-se em consonância com as preocupações com a vida na pólis e os subsídios essenciais para tornar viável a existência da sociedade e do Estado. Aspirou, assim, à organização mundial de uma Biblioteca Infantil “nas bases do que se poderia muito marginalmente chamar um ‘humanismo infantil’” (MEIRELES, 1951, p. 13), com a “esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem” (ibidem). Imaginou o folclore como um tipo de “humanismo popular” (MEIRELES, 1954a, p. 174), por meio do qual diferentes povos pudessem se comunicar e compartilhar experiências poetizadas, humanizadoras.

Há de se ressaltar que nos anos 1930 e seguintes houve uma disputa pelo humanismo. O substantivo, polissêmico e polifônico, recebeu adjetivações, atreladas a distintas perspectivas filosófico-políticas (MOYN, 2013, pp. 25-26).

<sup>3</sup> Vide, por exemplo, a precursora obra de Valéria Lamego sobre esse assunto, cuja referência se encontra na bibliografia, ao final do texto.

Concorriam entre si, por exemplo, os humanismos racionalista, marxista, cristão e existencialista, com ênfases, respectivamente, na definição do humano pela potência dos usos da razão e da autonomia do saber; no materialismo de uma práxis libertadora, a revolucionar a organização do trabalho e os meios de produção; na integração do humano com a divindade cristã, reconhecendo nesta a fonte da graça e da sacralização da vida; no estar-no-mundo, cuja vacuidade coloca à pessoa a possibilidade de exercer a liberdade e se fazer humana (ETCHEVERRY, 1975). Todas essas correntes interpretativas, cada qual a seu modo, miravam o aperfeiçoamento humano e se, eventualmente, dialogavam e pareciam se complementar, amiúde disputavam entre si a primazia pela melhor maneira de apreender e edificar a humanidade.

Um dos maiores antagonistas de Cecília, o militante católico Alceu Amoroso Lima, reuniu textos escritos de 1931 a 1943 em um volume que intitulou de “Humanismo Pedagógico” (LIMA, 1944). Inspirado em Jacques Maritain, pensador francês, proponente da recolocação do catolicismo como núcleo de valorização do humano pela fé religiosa, Amoroso Lima pôs-se em defesa da autoridade eclesiástica em matéria de educação. Em contraste, Fernando de Azevedo, um dos principais líderes do movimento escolanovista no Brasil, ao qual Cecília se vinculou, lançou, em 1952, a obra, denominada “Na batalha do humanismo” (1952). Neste compilado de artigos, ensaios e conferências, Azevedo investiu em uma perspectiva universalista e pacifista, livre e democrática, enlaçando letras e técnicas, conhecimentos artístico e científico, especialização e cultura geral.

Esta apreciação do humanismo, por Azevedo, era compartilhada, em grande medida, por Meireles, que também estaria situada no perímetro da fala de Lasar Segall (1889-1957): “Eu poderia chamar a minha arte de humanismo. [...] Os meus modelos pensados e expressos na forma são os mais humanos e possíveis: homem, mulher, criança, animais em relação entre si e ao meio da vida.”<sup>4</sup>. Ato contínuo, questionava: “Porém, o que é que tem os “ismos” com a arte?! Queremos somente arte!”<sup>5</sup>.

Como o pintor de origem lituana, Cecília também desconfiava do sufixo “ismo”, não só no tocante ao plano artístico, como também aos âmbitos político, social e religioso. Daí, provavelmente, o cuidado em redigir a locução adverbial “muito marginalmente”, quando se referiu à noção de “humanismo infantil” (MEIRELES, 1951, p. 13). À Cecília interessava, mais do que o rótulo filosófico ou político, a substância que movia as convicções e atitudes de governantes e de governados. A virtude, identificada no zelo com o próximo, no amor à coisa pública, não dependeria de fórmulas prontas nem de formas de governo estritas, “mas mais do reconhecimento da liberdade, do equilíbrio dos poderes e da recusa ao arbítrio e da tirania, isto é, da não-dominação” (CATROGA, 2011, p. 80). Este aspecto coaduna-se, por exemplo, com o que Leila Gouvêa (2008, p. 192) chamou de “caráter libertário e igualitário, mesmo socialista” do *Romanceiro da*

---

<sup>4</sup> SEGALL, Lasar. “Uma entrevista com Lasar Segall.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de agosto de 1933, p. 19. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>5</sup> SEGALL, Lasar. “Uma entrevista com Lasar Segall.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de agosto de 1933, p. 19. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

*Inconfidência* – por surpreender a história pela ótica dos vencidos; bem assim com o que Karen Peña, em análise da participação de Meireles no Seminário em contribuição da perspectiva e das técnicas de Gandhi para a solução das tensões entre e dentro das nações, identificou como uma dicção “soando mais marxista do que capitalista”<sup>6</sup> em sua crítica aos impactos da máquina na constituição do trabalho e da individualidade (2012, p. 146).

O vocábulo humanismo, portanto, percorreu o tempo de Cecília, cuja concepção de mundo preconizou virtudes cívico-republicanas, tais como a participação na luta por soluções para os problemas da Cidade, a resistência à tirania, a priorização do bem comum sobre interesses individualistas, a conquista da glória pelo talento, posto a serviço da comunidade, a crítica ao facciosismo e à ganância. Salienta-se que o exercício desse olhar antropológico encontra na ideia de humanismo, simultaneamente, uma ferramenta heurística pertinente, adequada à sondagem do político, entendido como aquilo que alicerça a coexistência e institui as referências, as visões e as divisões da vida em comum, facultando a criação e a inteligibilidade das instituições (LEFORT, 1991, p. 254). Por proporcionar, de um lado, abrangência e maleabilidade analíticas, e, de outro, especificidade, ante outras acepções, a expressão, humanismo cívico, constitui uma via de acesso ao fenômeno político, subjacente à trajetória e à obra cecilianas.<sup>7</sup>

Considerando-se, com o crítico palestino Edward Wadie Said, o humanismo como uma prática persistente e não como um patrimônio, “antes sobre o que é a atividade humanista do que uma lista de atributos desejáveis num humanista” (SAID, 2007, p. 24) são apresentados, a seguir, determinados traços do conjunto de ideias políticas da intelectual em questão.

## cabeça de motim

Os bons exemplos nascem da boa educação; a boa educação, das boas leis; e as boas leis, dos tumultos que muitos condenam sem ponderar: porque quem examinar bem o resultado deles não descobrirá que eles deram origem a exílios ou violências em desfavor do bem comum, mas sim a leis e ordenações benéficas à liberdade pública.

*Nicolau Maquiavel*<sup>8</sup>

Matriculada na Escola Normal do Rio de Janeiro, em abril de 1914,<sup>9</sup> Cecília Meireles, cerca de um ano depois, tornou-se a principal liderança de um

<sup>6</sup> Tradução nossa. No original: “sounding more Marxist than capitalist.”.

<sup>7</sup> Para uma discussão sobre o desenvolvimento do humanismo cívico na Renascença e seus desdobramentos nas matrizes republicanas do Iluminismo e do mundo contemporâneo, ver: LEFORT, 1999; BIGNOTTO, 2021.

<sup>8</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. [1513-1517]. Tradução de Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 22. (Obras de Maquiavel)

<sup>9</sup> Cf. “Matrícula de novos alunos.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1914, p. 12. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

motim estudantil contra o diretor da instituição. As tensões ali já vinham se acumulando desde pelo menos março de 1915, quando professoras se tornaram alvos de sindicância sobre afastamentos irregulares do trabalho.<sup>10</sup> O estopim para o movimento, eclodido em junho, foi um incidente entre uma aluna, chamada Déa Simões Mendes, e o gestor da escola, Hans Heilborn, que teria se exaltado ao repreender um suposto ato de indisciplina da normalista. Tomando para si as dores de Déa Simões, um grupo de moças passou a exigir a exoneração de Heilborn, cuja origem germânica atizou ainda mais os ânimos. Em um cenário marcado pela Grande Guerra, não somente alunas e alunos, como também parte do professorado, engrossaram as fileiras da francofilia. Ressalte-se que, três meses antes, fora criada, na capital da República, a Liga Brasileira pelos Aliados (LBA) (COMPAGNON, 2014), reunindo nomes como Rui Barbosa, Graça Aranha, Manoel Bonfim e José Veríssimo – estes dois últimos, ex-diretores e docentes da Escola Normal, alinhados aos anseios estudantis em andamento.<sup>11</sup>

A revolta das normalistas contou com a simpatia de grande parte dos corpos docente e discente da instituição e dividiu a imprensa carioca entre defensores da autoridade do diretor e do prefeito, Rivadávia Correa, e apoiadores do protesto. Manifestações de solidariedade com a causa da mocidade surgiram também do Centro Acadêmico, que congregava alunos das Faculdades de Direito e de Medicina, do Grêmio dos Jovens Brasileiros, composto por representantes das classes acadêmica, ginásial e operária, de um grupo de mais de trinta indivíduos, autodenominados anarquistas e sindicalistas, da conhecida articulista Chrysanthème – pseudônimo de Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, filha da também escritora Carmen Dolores – e da professora, feminista e socialista, Áurea Correa de Martinez.<sup>12</sup>

Ao longo de duas semanas, Cecília e suas colegas articularam uma importante rede de simpatizantes. Cientes do conchavo entre prefeito e diretor, conseguiram se reunir com a autoridade máxima da nação, Wenceslau Braz, no Palácio Guanabara. Apresentada a queixa contra Heilborn, o Presidente da República prometeu consultar as instâncias competentes e dar máxima atenção ao caso, admoestando as jovens a se bater por seus direitos, mas com a devida calma.<sup>13</sup>

Três dias depois, em 18 de junho, o diretor da Escola Normal apresentou seu relatório oficial sobre o caso para o prefeito. Na manhã seguinte, sábado, Cecília Meireles foi convidada a comparecer ao gabinete do diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, ao meio dia, para prestar esclarecimentos acerca das acusações de que era alvo. Seu nome foi o único citado no referido relatório. A liderança de

<sup>10</sup> “O inquérito das professoras”. In: *O Século*. Rio de Janeiro, 9 de março de 1915, p. 1. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>11</sup> “Protesto de professores”. In: *O Século*. Rio de Janeiro. 15 de junho de 1915, p. 1. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>12</sup>Cf. “Troça acadêmica”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, s.p. Ano XIV, n. 666. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022; “Os sucessos da Escola Normal” In: *A Época*. Rio de Janeiro, 16 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022; SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022; CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro; 21 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>13</sup> “Os sucessos da Escola Normal”. *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Cecília, que já vinha sendo mencionada, desde o início da agitação, então, avolumou-se ainda mais nos noticiários.

A cobertura jornalística de *O Século*, encabeçada por um jovem e talentoso repórter, Orestes Barbosa (DIDIER, 2005),<sup>14</sup> flagrou o estado da avó materna da estudante. Em um dos raros momentos em que se tem notícia de Jacintha Garcia Benevides, para além das memórias de sua própria neta, lê-se:

#### **Uma avó aflita**

Estava hoje bastante aflita a velha avó da aluna Cecília Meireles, chamada, por edital, para depor na Diretoria de Instrução Municipal. Ela receava que perseguissem a sua neta. Amedrontada, começou logo a imaginar onde podem achar os algozes ao serviço do sr. Hans Heilborn. A menina Cecília saiu cedo de casa a chamado de uma sua colega. Devia voltar para almoçar, para em seguida partir para a Diretoria de Instrução. (BARBOSA, 1915, p. 2)<sup>15</sup>

O diretor e proprietário dessa folha, também professor da Escola Normal, era Brício Filho, que inclusive prestara socorro às normalistas quando da intervenção do diretor. Brício tinha claro interesse em carregar de dramaticidade as críticas a Hans Heilborn, a quem se opunha. Orestes Barbosa, por sua vez, também apreciava uma nota de impacto. Apesar disso, dada toda a repercussão que o caso vinha atingindo, inclusive, mediante outros órgãos de imprensa, afeitos a Rivadávia e a Heilborn, parece bastante plausível que D. Jacintha Garcia estivesse apreensiva com a situação de sua neta. Havia, até mesmo, caudatários do Executivo municipal, que defendiam, abertamente, como meio de acabar com o que tratavam como perturbação do ensino, o método de perseguir e de castigar as que compunham o cerne do embate.<sup>16</sup> Não era, portanto, infundado tal temor, quer por parte das alunas, de seus familiares ou de jornalistas.

Uma vez convocada pelos donos de poder, caberia ao público conhecer um pouco da história daquela jovem, grafada como “cabeça de motim”<sup>17</sup>:

#### **Quem é a aluna Cecília**

A aluna Cecília Meireles, que hoje vai ser inquirida pela alta administração da Prefeitura, é órfã de pai e mãe e filha da falecida professora pública d. Mathilde Benevides Meirelles.

Em 1908 entrou para a Escola Estácio de Sá, fazendo neste mesmo ano exame com distinção e louvor.

No ano de 1909 passou para a 2ª classe com distinção e louvor.

<sup>14</sup> Agradeço a Sérgio Alcides Pereira do Amaral a indicação da presença de Orestes Barbosa na cobertura do caso.

<sup>15</sup> BARBOSA, Orestes. “Na Escola Normal”. *O Século*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>16</sup> Cf. “O caso da Escola Normal”. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 5. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>17</sup> “Ainda o caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Em 1910 passou para o curso médio com distinção e louvor e ainda com esta honraria no exame de 1911, terminando o curso em 1912 nas mesmas condições.

Por tal motivo teve o prêmio *Olavo Bilac* – medalha de ouro, que esse literato lhe colocou no peito quando de regresso da Europa, em 1913.

A aluna Cecília reside com sua avó, uma senhora idosa, numa casa pobre da rua S. Cláudio. (BARBOSA, 1915, p. 2)<sup>18</sup>

Cecília Meireles, oriunda de um meio familiar varado por mortes precoces e de escassas posses materiais, cuidada e orientada pela avó, empenhou-se nos estudos. E não se deixou curvar pelas pressões das autoridades. Durante seu depoimento confirmou haver tomado parte saliente nos acontecimentos em torno do repúdio à permanência de Heilborn no cargo de diretor.<sup>19</sup> Meireles foi indagada também acerca do “que sabia sobre o procedimento da menina Déa Simões (pivô do início da agitação)”,<sup>20</sup> respondendo, estrategicamente, de modo a preservar a colega citada, “nada saber pois não tinha, com a mesma, relações íntimas.”<sup>21</sup> Interrogada ainda sobre as outras companheiras de manifestações, “negou-se a declinar seus nomes, afirmando que foi a maioria das alunas da Escola. O apontá-las, seria uma delação.”<sup>22</sup> Da depoente, o perquiridor não obteve nenhuma informação sobre as demais participantes do movimento.

Cecília recebeu a pena de repreensão verbal. Mas seu papel no motim vitorioso rendeu-lhe a reputação de destemida e leal entre colegas e professores, dando impulso ao processo de construção de sua imagem pública. De suas colegas, em 1917, receberia o qualificativo de “a mais fiel”<sup>23</sup> e o professor e ex-diretor da Escola Normal, Alfredo Gomes, recordaria, em 1919: “Foi por ocasião de certa agitação tumultuária na Escola Normal deste Distrito, [...] que, pela vez primeira, a meus ouvidos, ecoou o nome de Cecília Meireles” (GOMES, 1919, p. 9). Naquele “bulcão de desagradados, lutas e intrigas que se desencadearam então”, dimanando “um misto de amor e solidariedade moral, que a pusera ao lado de suas colegas perseguidas injustamente”, prossegue Alfredo (ibidem), Cecília manteve-se firme durante o inquérito administrativo e se recusou a assumir o papel de denunciante. Conquistando admiração de estudantes de ambos os sexos, com modéstia e despretensão, fora escolhida como oradora da turma na cerimônia de colação de grau (idem, p. 10).

---

<sup>18</sup> BARBOSA, Orestes. “Na Escola Normal”. *O Século*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>19</sup> BARBOSA, Orestes. “Na Escola Normal”. *O Século*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>20</sup> <sup>20</sup> BARBOSA, Orestes. “Na Escola Normal”. *O Século*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>21</sup> BARBOSA, Orestes. “Na Escola Normal”. *O Século*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>22</sup> BARBOSA, Orestes. “Na Escola Normal”. *O Século*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>23</sup> *Jornal das Moças* – Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro, ano IV, n. 81, 4 de janeiro de 1917, s.p. Essa virtude foi valorizada por Meireles, por longo tempo. Em 1937, em carta à sua amiga portuguesa Dulci Lupi Osório de Castro (1905-1977), relatou: “Os amigos que tenho são raros. Mas agarro-me a eles com uma fidelidade de cão” (MEIRELES, 1937, p. 67).

Enfeixados entre si, caráter e convicções políticas estruturaram qualidades como coragem, indignação, camaradagem e luta por direitos à fala, à livre manifestação e à resistência ao que se considerava opressão. Nessa experiência é possível observar aspectos de um civismo republicano, sugerido pela aquiescência acerca da justiça e da virtude em não se curvar ao autoritarismo. Concepção assaz diversa daquela do prefeito, Rivadávia Correa, para quem a ideia de república alicerçava-se, mais do que na participação e na liberdade, na obediência e na severidade.

## igualdade

Entendamo-nos a respeito da igualdade, porque se a liberdade é o ápice, a igualdade é a base. A igualdade, cidadãos, [...] é, civilmente, as mesmas oportunidades para todas as aptidões; politicamente, todos os votos com idêntico peso; religiosamente, todas as consciências com os mesmos direitos.

*Victor Hugo*<sup>24</sup>

Ao sustentar discursos e práticas de cunho republicano, dados ao altruísmo, ao empenho pela felicidade coletiva e ao clamor por justiça, nota-se que Meireles lapidou sua convicção na igualdade fundamental entre todos os seres humanos, a percorrer as múltiplas individualidades, sociedades e culturas. Por isso, em 1920, entrou em confronto com algumas de suas correligionárias, junto à Legião da Mulher Brasileira, as quais visavam instalar um tratamento prioritário, senão exclusivo, a quem se declarasse católica e nacionalista.<sup>25</sup> A então autodenominada “livre-pensadora”,<sup>26</sup> também descrita como “um dos baluartes da Legião”<sup>27</sup> e como “uma das mais ativas propagandistas”<sup>28</sup> da entidade, pugnava que a associação de fins filantrópicos deveria acolher a quem quer que fosse, independentemente de condição social e de credo religioso e/ou político.

Quatro anos depois, em *Criança, meu amor...*, a então professora da rede escolar municipal, afirmou com todas as letras para o público infantil, que, ricos ou pobres, bons ou maus, “somos todos iguais” (1924, p. 56). Como preconizado por Enjolras, personagem de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, a escola deveria servir como centro irradiador das luzes do saber e da constituição de uma sociedade,

<sup>24</sup> HUGO, Victor. *Os miseráveis*. [1862]. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, pp. 1407-1408.

<sup>25</sup> Cf. “A Legião da Mulher Brasileira elegeu sua nova diretoria.” In: *A Noite*. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1920, p. 2. “Legião da Mulher Brasileira”. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 8 de outubro de 1920, p. 8. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>26</sup> Cf. “A Legião das Mulheres Brasileiras”. In: *A União*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1920, p. 3. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>27</sup> “A Legião da Mulher Brasileira”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 9 de março de 1920, p. 6. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>28</sup> “Pela mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro, 11 de março de 1920, p. 1. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

pautada pela igualdade de direitos e de oportunidades. Acepção semelhante emergiu por conta do concurso público para a cadeira de Literatura Vernácula, daquela mesma Escola Normal, agora em 1930. Na ocasião, Cecília, classificada em segundo lugar, por razões políticas, religiosas e, provavelmente, de gênero, endereçou uma carta aberta ao Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, Fernando de Azevedo, lamentando o que considerava uma traição à reforma escolanovista e ao espírito republicano.<sup>29</sup> Da mesma tribuna, à frente da Página da Educação do *Diário de Notícias*, debruçou-se sobre outra questão crucial para o seu repertório humanístico: a construção da paz.

## pacifismo

Já aconteceram milhares de guerras no planeta (recentemente, li que estimavam mais de 3 mil, entre grandes e pequenas), mas talvez a guerra fosse um dos principais mistérios da humanidade, e continua sendo. Nada mudou. Tento reduzir a grande história a uma escala humana para entender alguma coisa.

*Svetlana Aleksievitch*<sup>30</sup>

Filha de seu tempo, Cecília, como tantos de sua geração, viveu sob o signo da guerra. Desde a adolescência, quando, como visto, encabeçou uma revolta estudantil contra uma autoridade de ascendência alemã, acompanhou com angústia o acontecimento inaugural do século XX, a Grande Guerra (1914-1918), ou o “suicídio dos bárbaros”, como a denominou José Ingenieros (1921, p. 13). Em busca de respostas para a desilusão, advinda da crise do que, até então, se acreditava ser o centro da civilização, passou a tomar contato com os versos de Tagore e com o ativismo de Gandhi, que a marcaria por toda a vida (OLIVEIRA, 2014; REIS, 2019).

A disposição pacifista de Cecília ligava-se, umbilicalmente, à ideia de igualdade, implicando em um compromisso permanente com a não-violência. Este princípio, por sua vez, exigia que toda e qualquer vida fosse considerada valiosa e, da mesma maneira, digna de luto (BUTLER, 2021). Seja pela sequência de crônicas dos primeiros anos da década de 1930 ou por outras tantas elaborações posteriores (MOURA, 2016; SILVA, 2018), Meireles manteve-se inflexível em fomentar um ideal de humanidade, em que o facciosismo e a beligerância cederiam vez a um estado de entendimento, receptivo à dúvida e a questionamentos, ou, ao menos, a uma coexistência possível. Para tanto o pacifismo haveria de se valer de esforços de redução de armamentos, de organizações supranacionais, incentivadoras de intercâmbios culturais, e da (trans) formação de mentes e corações por uma cultura

---

<sup>29</sup> MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1930, p. 4. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>30</sup> ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 189.

de paz. O regime político mais adequado a este fim seria aquele em que as pessoas pudessem acessar direitos, tomar parte nas decisões de interesse geral e alcançar condições para a autorrealização.

## o zelo com a “coisa pública”

A elevação e grandeza d’alma, a bondade, a justiça, a generosidade são, sem dúvida, muito mais conforme a natureza que a riqueza, a volúpia, a própria vida que uma alma bem formada deve conter, desprezando tudo pelo bem público.

*Cícero*<sup>31</sup>

Ao mesmo tempo em que tanto prezou as noções de igualdade e de liberdade, interna e externa, positiva e negativa, Cecília criticou duramente o individualismo extremado, a ganância, a sede insaciável de ouro e de poder (MEIRELES, 1953). Em postal para suas filhas, datado de 21 de agosto de 1940, de Nova York, avaliou, ao passar pela 5ª Avenida, que, por mais salões de beleza que houvesse, por mais dinheiro que se possuísse, “essa gente é fundamentalmente horrível – precisamente porque, além do dinheiro, creio que não pensam em mais nada – e é o pensamento que dá beleza, e é o dinheiro que corrompe tudo” (1940, p. 107). Criticando a essência do capitalismo e a efemeridade dos bens materiais, a remetente tangenciou uma das teses caras ao humanismo cívico-republicano, qual seja, aquela que relaciona o acúmulo de posse privada com a corrupção da vida pública.

Para Cecília a glória e a riqueza seriam apropriadas em razão diretamente proporcional aos serviços prestados à sociedade. A quem se sacrificasse por uma causa maior, entregando os seus esforços e talento, em prol da coletividade, caberia o reconhecimento e a perenidade. Assim, quando venceu, após renhida disputa, o concurso de poesia da Academia Brasileira de Letras, em 1939, ponderou, na qualidade de oradora oficial, que: “Os prêmios de hoje, pelo menos os principais, não foram apenas prêmios concedidos. Foram prêmios conquistados. Duramente conquistados (...)” (1939, p. 176). A precaução contra a vaidade e a cobiça e, paralelamente, a participação no processo de consagração, de si e de sua obra, são atitudes que também facultam compreender a assiduidade com que Cecília se entregou às suas múltiplas tarefas intelectuais. Como poetisa e educadora, cronista e tradutora, jornalista e conferencista, folclorista, organizadora e autora de obras de divulgação, desenhista ou dramaturga, Meireles ocupou espaços públicos, apresentou seus conceitos, seu projeto de Brasil. Em janeiro de 1946, após dirigir o Departamento de Literatura da Associação dos Servidores Cívicos do Brasil e ofertar um curso de Literatura, que obteve grande repercussão, relatou, revelando seu apreço pelo associativismo e seu anseio em contribuir com a comunidade cívica: “É muito difícil qualquer associação vingar no Brasil, mas convidaram-me para

---

<sup>31</sup> CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Tradução e notas de João Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2019, p. 125.

trabalhar nessa, e raramente me recuso a cooperar, quando se trata de um serviço de cultura” (1946, p. 11).

Como argumentado na alegoria “Alguém na encruzilhada” (MEIRELES, 1948), o egocentrismo aprisionaria os indivíduos, ou seja, retirar-lhes-iam a liberdade e a capacidade de exercitar o pensamento, de questionar a indiferença, a pressa, a cupidez e, por conseguinte, a possibilidade de encarar a Fortuna pelo exercício da *virtù*. O comprometimento com o bem comum, com o trabalho voltado para a melhoria da qualidade de vida na *pólis*, seria indispensável a um país que se quisesse, efetivamente, democrático e republicano. Aos que não se importassem com os outros e com a Cidade e, indo ainda mais longe, agissem para lesar a coletividade, em seu próprio favor, Meireles reservou o seguinte comentário, em entrevista de 1950: “Qualquer pessoa que, sendo responsável por um problema de interesse geral, procura resolvê-lo em termos pessoais, devia ser entregue aos abutres” (MEIRELES, 1950, p. 1). Castigo este que, talvez, fosse “alto demais, desde que Prometeu foi devorado por um. Escolha-se, pois, suplício mais de acordo” (ibidem).

## a náusea e a arte de ser feliz

[...] todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem.

*Hannah Arendt*<sup>32</sup>

Em carta a Armando Côrtes-Rodrigues, de 2 de outubro de 1954, pouco mais de um mês após a morte de Getúlio Vargas, Cecília testemunhou:

Confesso-lhe com a mão no coração: a Humanidade – esta que me rodeia – deixou de interessar-me. Passei um mês com náusea – não no sentido figurado: náusea espasmódica, do diafragma, enjoada com as coisas que aconteceram aqui. Tomei montes de pílulas, para o estômago voltar ao lugar, sem ter nada com isto! Sem ter partido! Nem interesses! Nem depender de ninguém – nem eu nem a minha gente! (MEIRELES, 1954b, p. 137).

Por meio do trauma generalizado, emanado do autoextermínio do presidente da República, a política partidária, as intrigas de governo, as rixas por cargos de comando, inundaram a vida de Cecília à fórceps, sem pedir licença. Seria mais que improvável, residindo na capital do país, atravessar incólume aos eventos daqueles meses (MARCELINO, 2015, pp. 247-257).

---

<sup>32</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 639.

A imagética da náusea, que já havia protagonizado o primeiro romance de Jean-Paul Sartre, em 1938, e, em 1945, o poema *A flor e a náusea*, de Carlos Drummond de Andrade, fazia-se literal nessa experiência de Cecília. Não houvesse bastado as marcas de outros dois suicídios – de Correia Dias e de Stefan Zweig – de duas guerras mundiais, de decepção com a dita Revolução de 1930, de uma ditadura subsequente, que durara quase uma década, o mundo continuava convulsionado e recalcitrante em concretizar o dístico liberdade, igualdade e fraternidade.

Meireles, entretanto, embora mais calejada e cética do que a jovem de 1915 ou a jornalista dos inícios de 1930, compreendia que a história se configurava pelo movimento da vida e que o futuro jazia, indeterminado, aberto a inúmeras possibilidades. Por isso, susteve sua esperança nos seres humanos, admirando, até o fim, a “capacidade dos homens que se modelam por suas mãos” (1950, p.1), desafiando os acasos da sorte, acolhendo a complexidade de um ser “maravilhosamente, vão, diverso e ondulante” (MONTAGNE, p. 45), como alegou Michel de Montaigne, em seus *Ensaaios*, citado por Meireles.

Fez-se ela intelectual ilustrada, fruto de uma longa tradição humanista, a costurar princípios alentados pela Renascença e reinscritos pelo espírito das Luzes (LEFORT, 1999; TODOROV, 2008). A autonomia, a laicidade, a universalidade e a busca da verdade pela razão e pela beleza, marcaram-na, sem, todavia, lhe cercear o cultivo da dúvida e da crítica, inclusive, em torno da própria crença nas qualidades dos seres humanos. Por tanto valorizar o peso das palavras, que, no seu sentir, não deveriam ser banalizadas nem distorcidas, por sorrateiras conveniências (MEIRELES, 1962c), Cecília, de certa forma, precaveu-se da manipulação da ideia de humanismo, deturpada para justificar a dominação colonialista e toda a carga de racismo, miséria, morte e destruição, encetada pelas autoridades metropolitanas e por elites locais (PONTY, 1947). As falas e ações de Cecília convergiram com o que, mais tarde, Said sublinharia: “é possível ser crítico ao humanismo em nome do humanismo”, uma vez “escolados nos seus abusos pela experiência do eurocentrismo e do império”, dando forma “a um tipo diferente de humanismo que fosse cosmopolita e preso-ao-texto-e-linguagem”, que fosse democrático-crítico, plural, assinalado por um processo incessante de autocrítica e libertação ao invés de elitista, excludente e atado ao cânone, à tradição (SAID, 2007, p. 29).

No alto de seus sessenta e um anos de idade, teve ela forças para reafirmar a importância do aprendizado do olhar, da contemplação das pessoas, dos seres e da natureza. Propôs, assim, pela ação da palavra, posta em circulação, uma partilha da ética e da estética, uma arte de conviver, isto é, de viver juntos na *pólis*, tecendo relações de autocuidado mútuo, uma arte política ou, em seus termos, uma “arte de ser feliz” (1962b, pp. 10-11).

## referências bibliográficas

### livros, entrevistas, cartas e textos de cecília meireles

MEIRELES, Cecília. *Espectros*. [1919]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização, apresentação e estabelecimento de texto Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 3-28.

MEIRELES, Cecília. *Criança meu amor*. [1924]. 3. ed. São Paulo: Global, 2013.

MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. [1927]. Apresentação Suzana Vargas. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 2015.

MEIRELES, Cecília. “O exemplo do México.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de março de 1931. In: MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*, 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001, pp. 73-75.

MEIRELES, Cecília. “Carta a Dulce Lupi Osório de Castro. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1937.” In: *Colóquio: revista de artes e letras*. Lisboa, n. 66, março de 1982, p. 67.

MEIRELES, Cecília. “Postal e carta.” [1940]. In: MEIRELES, Cecília. *Três Marias de Cecília*. Organização, apresentação e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Moderna, 2006, pp. 101-111. (Série imagem & texto).

MEIRELES, Cecília. *Viagem (1929-1937)*. [1939]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização, apresentação e estabelecimento de texto Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 223-327.

MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: E.G. Revista dos Tribunais, 1939, pp. 175-180.

MEIRELES, Cecília. *Mar Absoluto e Outros Poemas*. [1945]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização, apresentação e estabelecimento de texto Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 443-295.

MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, pp. 1; 11.

MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”; “Alguien en la encrucijada”. In: *Escritura*. Montevideo, n. 3, março de 1948, pp. 8-12. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Isabel do Prado.

MEIRELES, Cecília. Retrato Natural [1949]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 596-686.

MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo, 5 de março de 1950, p. 1.

MEIRELES, Cecília. *Problemas de literatura infantil*. [1951]. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]. Organização André Seffrin. Apresentação Alberto da Costa e Silva. 13. ed. São Paulo: Global, 2015.

MEIRELES, Cecília. “Entrevista.” In: GASTÃO, Marques. *Rumo às estrelas do Cruzeiro do Sul*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1954a, pp. 167-176.

MEIRELES, Cecília. “Carta a Armando Côrtes-Rodrigues”. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1954b. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Organização e notas de Celestino Sachet. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998, pp. 137-138.

MEIRELES, Cecília. *Dispersos*. [1957]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 1561-1958.

MEIRELES, Cecília. *Metal Rosicler* [1960]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 1205-1258.

MEIRELES, Cecília. “Apresentação”. In: *Homenagem a Rabindranath Tagore*. Da Índia distante – boletim quinzenal distribuído gratuitamente pela Embaixada da Índia. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 7 de maio de 1961, pp. 1-4.

MEIRELES, Cecília. “Prefácio”. In: GRINBERG, Uri-Tzwi et. al. *Poesia de Israel*. Tradução de Cecília Meireles. Desenhos de Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962a, p. 9.

MEIRELES, Cecília et. al. In: MURILO, Miranda (Org.). *Quadrante 1*. [1962]. Rio de Janeiro: Editora do Autora, 1962b.

MEIRELES, Cecília. “Palavras.” Texto escrito para o congresso da *International Federation of University Women*, realizado na Cidade do México, em julho de 1962c, f.1-4. Disponível em Fundação Casa de Rui Barbosa RJ. Arquivo Isabel do Prado.

MEIRELES, Cecília. “Entrevista a Pedro Bloch.” In: BLOCH, Pedro. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1989, p. 31. Originalmente publicada na Revista Manchete, n. 630, em 16 de maio de 1964, pp. 33-37.

## livros, artigos e teses

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. [1950]. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AZEVEDO, Fernando. *Na batalha do humanismo: aspirações, problemas e perspectivas*. [1952]. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967. (Obras completas; 15).

BARBOSA, Orestes. “Na Escola Normal”. *O Século*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, p. 2. Disponível em: < <https://www.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BIGNOTTO, Newton. *Origens do republicanismo moderno*. 2. ed. Niteroi: Eduff, 2021.  
BUTLER, Judith. *A força da não-violência: um vínculo ético-político*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

CATROGA, Fernando. *Ensaio Respublicano*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011.

CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Tradução e notas de João Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2019.

COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra (Argentina e Brasil, 1914-1939)*. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

DIDIER, Carlos. *Orestes Barbosa: repórter, cronista e poeta*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ETCHEVERRY, Auguste. *O conflito atual dos humanismos*. [1958]. Tradução de M. Pinto dos Santos. Porto (PT): Livraria Tavares Martins, 1975.

GARIN, Eugénio. *Idade Média e Renascimento*. [1954]. Tradução de Isabel Teresa Santos e Hossein S. Shooja. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

GOMES, Alfredo. “Prefácio”. In: MEIRELLES, Cecília. *Espectros* [1919]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 3-28. (v. 1).

GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008.

HUGO, Victor. *Os miseráveis*. [1862]. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

INGENIEROS, José. *Reflexões otimistas sobre a Grande Guerra e a Revolução Russa*. Buenos Aires: Edições América Latina, 1921.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes e Marilena de Souza Chauí. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LEFORT, Claude. *Desafios da escrita política*. Tradução de Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

LIMA, Alceu Amoroso. *Humanismo Pedagógico: estudos de filosofia de educação*. Rio de Janeiro: Stella Editora: 1944. (Coleção Presença; XI).

MARCELINO, Douglas Attila. *O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação história e imaginário político*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 247-257.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. [1513-1517]. Tradução de Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Obras de Maquiavel)

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Tradução e notas de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MOYN, Samuel. *Samuel Moyn: entrevistado por André Rangel Rios*. Organização de André Rangel Rios e Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. (Pensamento Contemporâneo; 8).

MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora 34, 2016.

OLIVEIRA, Gisele Pereira de. *Cecília Meireles e a Índia: das provisórias arquiteturas ao "êxtase longo de ilusão nenhuma"*. 233 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, São Paulo, 2014.

PEÑA, Karen. "Brazil, the Bomb and the Poet: Cecília Meireles and the Gandhi Seminar (1953). In: *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*. v. 1, pp. 143-167. (2012). Disponível em: <https://eprints.gla.ac.uk/70507/>. Acesso em: 4 ago. 2019.

PONTY, Merleau. *Humanismo e terror: ensaio sobre o problema comunista*. [1947]. Tradução de Naume Ladovsky. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968.

REIS, Ana Amélia Neubern Batista dos. *Cecília Meireles e a Índia no modernismo brasileiro*. 235 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2019.

SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução de Rosa Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEGALL, Lasar. "Uma entrevista com Lasar Segall." In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de agosto de 1933, p. 19.

SILVA, Denilson de Cássio. "Pacifismo, educação e dimensões políticas na América Latina: Cecília Meireles em diálogo com Alfonso Reyes (Rio de Janeiro, década de 1930)." In: *Em tempo de histórias*. PPGHIS UnB. Brasília, n. 32, p. 103-124, jan-jul. 2018.

SILVA, Denilson de Cássio. "Em História sou simplesmente poeta: Cecília Meireles e o passado presente como escrita da história." In: MARCELINO, Douglas Attila. (Org.). *Ritualizações do passado: a história como prática escrita e rememorativa*. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 47-74.

TODOROV, Tzvetan. *O espírito das Luzes*. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.